

Para compreender a necessidade de apoiar uns aos outros

A UNIÃO FAZ A FORÇA

1. Ler e refletir em grupos

Conto popular tradicional

Quando sentiu que chegava a hora de sua morte, um senhor chamou a seus sete filhos e lhes disse: -Quero que cada um de vocês procure um ramo seco e o tragam a mim.

Os filhos obedeceram. O senhor, então, amarrou os ramos com uma corda e pediu ao filho mais velho que os partisse. Mas por mais esforço que fizesse, o moço não conseguiu. O senhor pediu-lhes que tentassem partilas todos juntos, mas nem todos juntos conseguiram. Então, o senhor desfez o nó da corda que unia os ramos e pediu ao filho caçula que partisse ramo por ramo. Sem muito esforço, o menino foi partindo um por um. O senhor lhes disse então: - Meus filhos, já viram como nem todos juntos puderam partir os ramos quando estavam unidos, enquanto que o caçula de vocês pode partir ramo a ramo separado. Quero que lembrem sempre disto, porque...

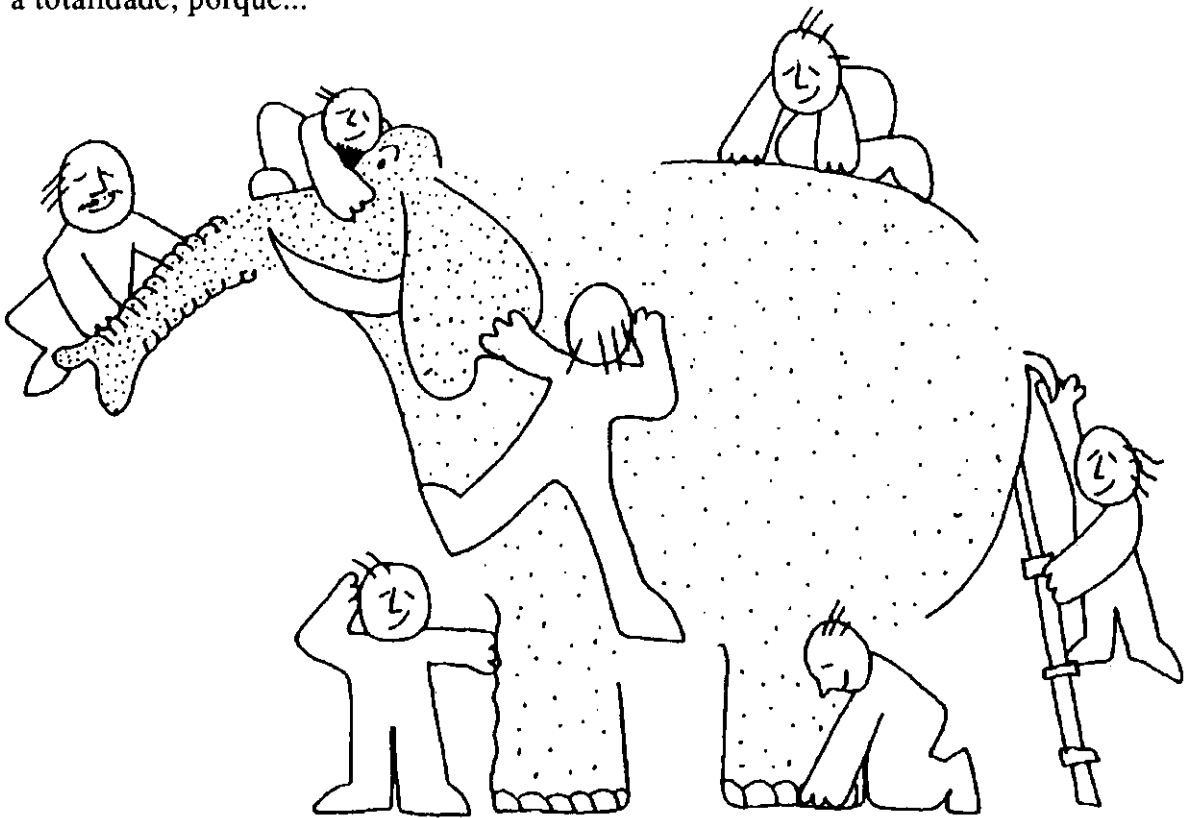


- * Que quis dizer o pai a seus filhos com esta demonstração? Completem o conto com uma conclusão e dêem-lhe um título.
- * Aplica-se a conclusão do conto à vida diária de vocês? Como? Dêem exemplos.

Conto da filosofia oriental de 2000 anos¹

Uma vez um mestre reuniu a seus discípulos e contou-lhes esta história:

Além de Gor, existia uma cidade. Todos seus habitantes eram cegos. Um rei, com seu cortejo, chegou perto desse lugar, trouxe seu exército e acampou no deserto. Tinha este rei um elefante poderoso que usava para atacar e aumentar o temor do povo. A população imaginou de mil formas ao elefante e alguns cegos desta comunidade precipitaram-se como loucos para encontrá-lo. Como não conheciam nem sequer a forma e o aspecto do elefante, tatearam cegamente para reunir informação, apalpando alguma parte do corpo. Cada um pensou que sabia algo porque pode tocar uma parte dele. Quando voltaram para junto de seus concidadãos, um impaciente grupo juntou-se ao seu redor. Todos estavam ansiosos e inquietos, perguntaram pela forma e aspecto do elefante e escutaram tudo o que aqueles disseram. Ao homem que tinha tocado a orelha perguntaram sobre a natureza do elefante, e ele disse: “É uma coisa grande, enrugada, larga e grossa como um tapete”. O que tocou a trompa disse: “Nada disso, isso é uma barbaridade. Eu conheço os fatos!. O elefante é um tubo reto e oco, horrível e destrutivo”. O que tinha tocado suas patas disse: “Mas isso não tem nenhuma relação com o que é um elefante. Um elefante é poderoso firme como uma coluna”. Cada um tinha apalpado uma só parte das muitas, cada um percebeu erroneamente o que era um elefante, nenhum conhecia a totalidade. O problema é que não podiam conhecer a totalidade, porque...



¹ Tomado de Klainer e outros, *Aprender con los chicos*, Movimiento Ecumênico pelos Direitos Humanos, Buenos Aires, Argentina, 1968.

- * O que quis dizer o mestre a seus discípulos com essa história? Completem o conto com uma conclusão e dêem-lhe título.
- * Aplica-se a conclusão do conto à vida diária de vocês? Como? Dêem exemplos.

2. Compartilhar

- Os grupos colocarão em comum suas conclusões e comentários sobre os contos lidos. O professor ou a professora promoverá a discussão de síntese a partir das duas perguntas. Encontram relação entre os dois contos? Qual? E entre os contos e o princípio de solidariedade que estamos discutindo?

Atividade

2

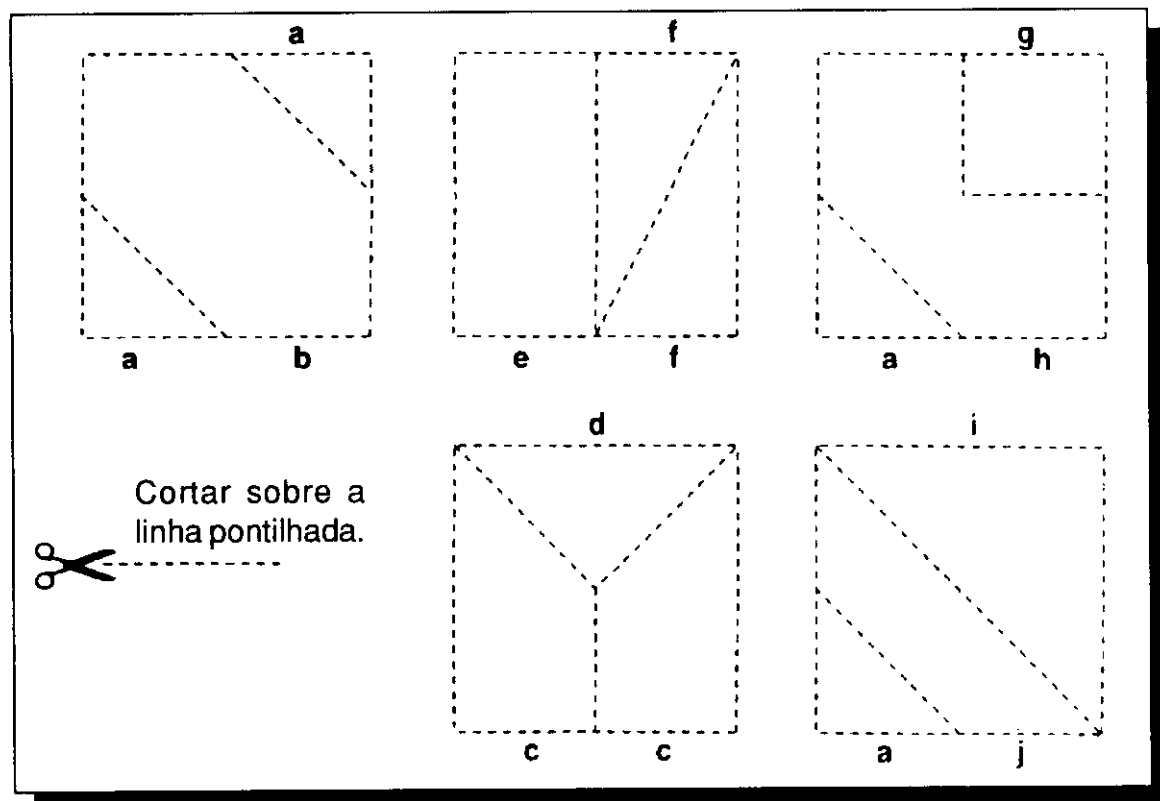
Para analisar como atuamos num processo de grupo e refletir sobre o trabalho em equipe

O JOGO DOS QUADRADOS¹

1. Jogar em grupos

Materiais e participantes

- De antemão, o professor ou a professora desenhará num cartão os cinco quadrados que aparecem nesta página, conservando as proporções (10cm X 10cm de lado). Recortarão as peças cuidando para que as que levam as mesmas letras sejam intercambiáveis. As letras não aparecerão nas peças recortadas.



¹ Segundo modelo de Rainer Kristen e Joachim Muller-Schwarz em *Treinamento de grupos, reproduzido em Klainer e outras, Aprender con los chicos, Movimento Ecumênico pelos Direitos Humanos, Buenos Aires, Argentina, 1988. Temos enriquecido o exercício com perguntas para o diálogo propostas por Juan José Mosca e Luis Pérez Aguirre em Derechos Humanos, Pautas para una educación libertadora. Edições Trilce, Montevidéo, Uruguai, 1985.*

As peças recortadas serão colocadas em cinco envelopes distintos, segundo este detalhe:

No Envelope A: i, h, e

No Envelope B: a, a, a, c

No Envelope C: a, j

No Envelope D: d, f

No Envelope E: g, b, f, c

- Os materiais mencionados permitem jogar a um grupo de cinco jogadores (ou quatro jogadores, se o professor quiser fazer um jogo mais difícil)

Se o professor for trabalhar com toda a classe, deverá fazer o jogo com vários grupos simultaneamente. Então, será necessário que prepare os grupos de cinco quadrados e envelopes de acordo com o número de grupos que participarão.

Entre os participantes escolherão um observador por grupo, que anotará tudo o que lhe pareça interessante durante o jogo.

Regras do jogo

- Cada grupo que entre no jogo terá cinco jogadores. Como assinalamos antes, outra possibilidade que torna o jogo mais complicado é formar grupos de quatro jogadores. Neste caso, serão somente quatro envelopes com as peças misturadas.
- Os distintos grupos de jogadores serão colocados em mesas separadas, de maneira que não possam incomodar-se nem influenciar-se mutuamente.
- Os cinco envelopes de peças (A, B, C, D e E) serão distribuídos entre os cinco jogadores de cada grupo.
- No sinal do professor ou professora, os jogadores abrem os envelopes com suas peças.
- O objetivo do jogo é que os jogadores construam cinco quadrados com as peças que dispõem. Os quadrados devem ser todos iguais.
- Se um jogador não pode aplicar uma peça a sua figura deve colocá-la no centro da mesa. Pode também cedê-la a outro.
- Cada grupo só pode apoderar-se daquelas peças que seus companheiros de grupo tenham deixado no centro da mesa. Não podem pegar nem pedir peças aos outros companheiros.

- O observador do grupo limita-se a olhar e anotar em silêncio. Não pode ajudar, nem sugerir, nem fazer senhas. Antes de começar, o professor pode reunir aos observadores em separado e orientá-los sobre sua tarefa. Trata-se de observarem o que acontece, especialmente as atitudes dos jogadores. Por exemplo: todos participam? Atuam de forma individualista ou buscam colaborar entre si? Tomam iniciativa ou são passivos? Notam-se reações de frustração? E de cooperação mútua? Predomina o nervosismo ou o controle pessoal?
- Quando os jogadores conseguirem armar seus quadrados a tarefa estará terminada. Trocarão suas primeiras impressões e os observadores comentarão suas observações. O que aconteceu durante o jogo? Como atuaram os membros do grupo? Como sentiram-se?

2. Debater em grupo

- Reunidos em plenário, compartilharão suas experiências. O professor ou a professora guiará a discussão coletiva apoiando-se em perguntas como as seguintes:

Perguntas para orientação:

- * Como sentiram-se enquanto armavam os quadrados? Por quê?
- * O que foi mais difícil no jogo?
- * Como teria sido mais fácil de fazer os quadrados?
- * O silêncio foi uma ajuda ou um obstáculo? Por quê?
- * Sentiram-se incomodados por alguém observá-los? Por quê?
- * Alguém encontrou no envelope as três peças exatas para formar o quadrado?
- * O que lhes sugere o fato de que não encontraram no envelope as três peças exatas?
- * Cada jogador encontrou colaboração nos colegas? Por sua vez, colaborou com os demais?
- * Alguém pensou em ajudar aos outros antes de fazer seu próprio quadrado?
- * Alguém foi capaz de desarmar seu quadrado já pronto para ajudar com uma de suas peças a outro companheiro?
- * Alguém, depois de armar seu próprio quadrado, retirou-se do jogo?
- * Estas condutas, o que refletem sobre a atitude de cada um num trabalho de grupo?
- * Encontram alguma relação entre este jogo e as situações da vida diária? Quais? Dêem exemplos concretos.

Para refletir sobre as condutas solidárias
frente a atitudes e condutas individualistas

ENTRE CIGARRAS E FORMIGAS

Você, e provavelmente também seus estudantes, terão ouvido alguma vez a velha fábula da cigarra e da formiga. Lembra? Propomos que, juntos repassem e dialoguem sobre ela considerando o que foi discutido nesta Unidade.

Antecipamos que aqui encontrará não uma, mas duas versões daquela história. E, certamente, bem distintas entre si. A diferença radical, precisamente, no nosso conceito chave: a solidariedade.

A CIGARRA E A FORMIGA

Samaniego (Espanhol)

Cantando a cigarra
Passou o verão inteiro,
Sem fazer provisões
Lá para o inverno.
Os frios a obrigaram
A guardar o silêncio.
E a acolher-se ao abrigo
De seu estreito aposento.
Viu-se desprovida
Do preciso sustento,
Sem mosca, sem minhoca,
Sem trigo, sem centeio.
Habitava a Formiga
Ali no meio da parede,
E com mil expressões
de atenção e respeito
Disse-lhe: Dona Formiga,
Já que em vossos depósitos
Sobram provisões
para vosso alimento,
Emprestai alguma coisa
Com que viva este inverno
Esta triste Cigarra,
Que alegre em outro tempo,
Nunca conheceu o dano,
Nunca soube temê-lo.

Não duvideis em emprestar-me,
Que fielmente prometo
Pagar-vos com lucro,
Pelo nome que tenho.
A cobiçosa formiga
Respondeu com valor,
Ocultando nas costas
As chaves do depósito:
Eu emprestar o que ganho
Com um trabalho imenso!
Diga-me pois, preguiçosa,
O que tens feito no bom tempo?
Eu, disse a Cigarra,
A todo passageiro
Cantava alegremente
Sem cessar nem um momento.
Oh! Então cantavas,
Enquanto eu andava de sol a sol?
pois agora que eu como,
Dança, apesar de teu corpo.





ALEGRINHA E DONA CIGARRA

Sara Zapata Valeije (Argentina)

A formiga alegrinha era a mais trabalhadora de todo o formigueiro. Quem trazia as folhinhas mais verdes e gostosas, as mais longas e cortadinhas adornadas? A formiga Alegrinha. Quem trazia as sementes mais tenras e grandes, as sementes amarelas que tinham sempre gostinho de torrada? A formiga Alegrinha, quem mais poderia ser.

Andando todo o dia daqui para lá. Subia, descia e corria e não cansava-se nem um pouquinho assim. Era uma sorte que não usasse sapatos porque teria gastado um montão.

Mas Alegrinha não era somente trabalhadora, oh!, não! Era simpática, alegre e uma boa moça e sempre andava ajudando aos demais.

Um dia a rainha do formigueiro, que chamava-se Rainha Formiga e que falava muito bem, mas suavezinho - baixinho-, colocou a coroa para dizer a todo mundo:

- O que parece-lhes darmos um prêmio a Alegrinha, por ela ser um amor?

- Claro que sim! Claro que sim! - Disseram todas as formigas ao mesmo tempo.

E, então, a Rainha Formiga chamou Alegrinha e lhe pôs no pescoço uma medalha preciosa que tinha forma de cascavel e que soava como uma cascavel.

Em um dia de verão Alegrinha aproximou-se da árvore que tinha na vereda e que chamava-se Jacarandá. Era uma árvore muito alta mas muito boa que sempre deixava que subissem nela, mais ainda se pediam-lhe licença com bons modos.

- Senhora Jacarandá, posso subir? - pediu Alegrinha.

- Sim, senhorita, como não.

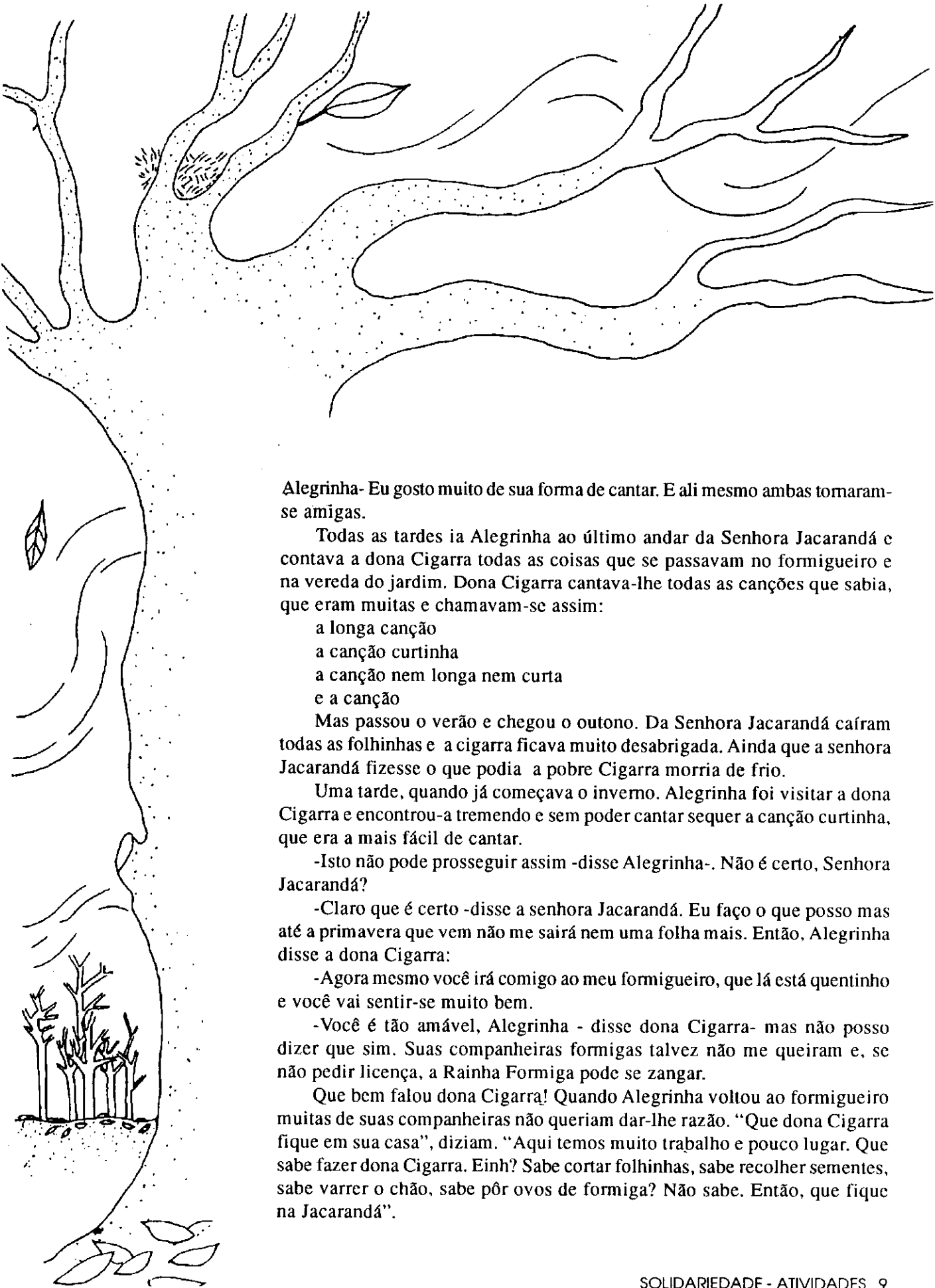
E Alegrinha subiu até o primeiro andar e até o segundo andar e até o último andar, que é o último ramo de cima da Senhora Jacarandá.

Quando chegou a esse lugar tão alto, tão alto, encontrou a uma cigarra que tomava sol. E quando a cigarra viu a Alegrinha deixou de descansar e olhou-a.

- Que lindo soa sua cascavel! - disse-lhe dona Cigarra. - Vê-se que você gosta de música tanto quanto eu.

- Poderíamos ser amigas -disse





Alegrinha- Eu gosto muito de sua forma de cantar. E ali mesmo ambas tomaram-se amigas.

Todas as tardes ia Alegrinha ao último andar da Senhora Jacarandá e contava a dona Cigarra todas as coisas que se passavam no formigueiro e na vereda do jardim. Dona Cigarra cantava-lhe todas as canções que sabia, que eram muitas e chamavam-se assim:

a longa canção
a canção curtinha
a canção nem longa nem curta
e a canção

Mas passou o verão e chegou o outono. Da Senhora Jacarandá caíram todas as folhinhas e a cigarra ficava muito desabrigada. Ainda que a senhora Jacarandá fizesse o que podia a pobre Cigarra morria de frio.

Uma tarde, quando já começava o inverno. Alegrinha foi visitar a dona Cigarra e encontrou-a tremendo e sem poder cantar sequer a canção curtinha, que era a mais fácil de cantar.

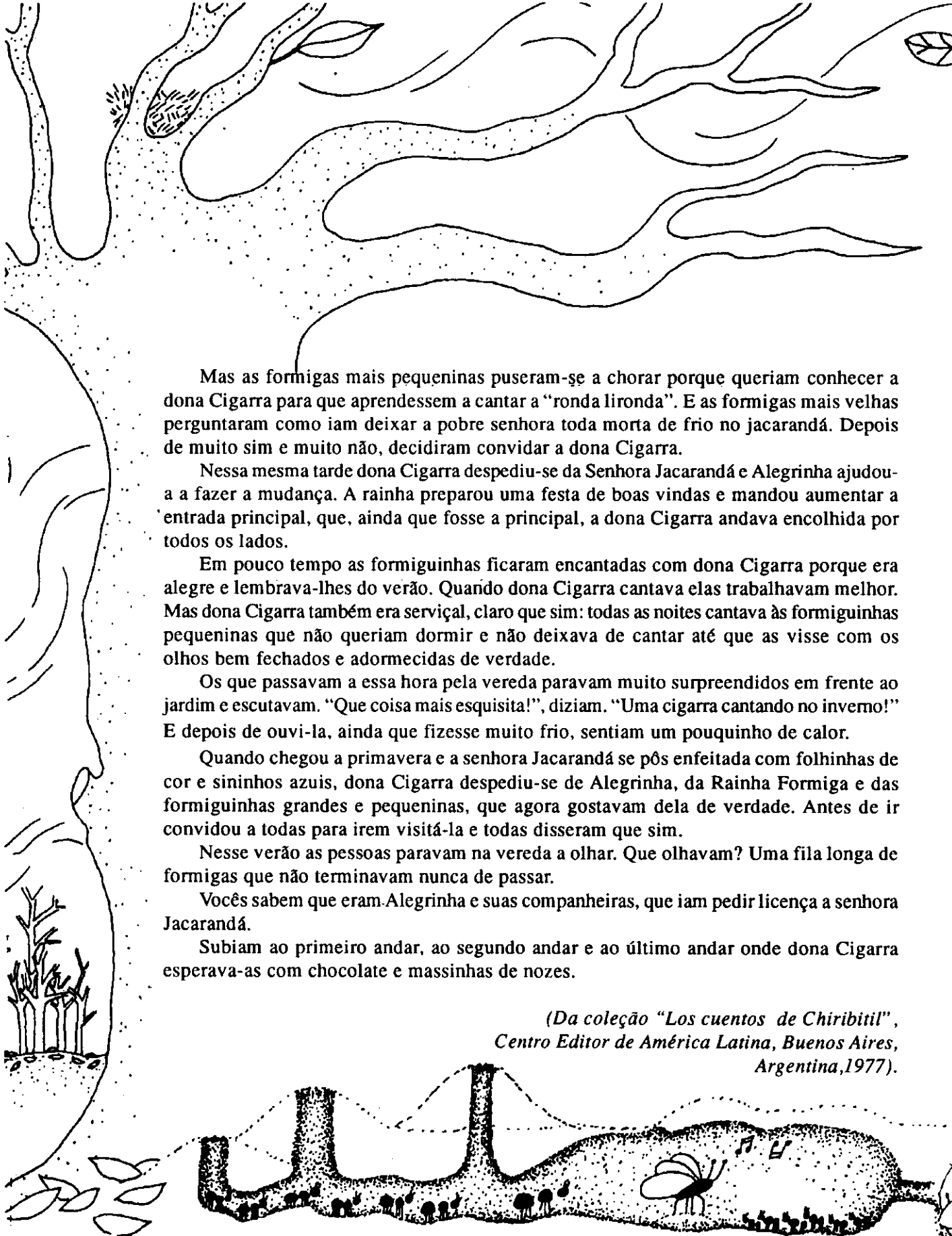
-Isto não pode prosseguir assim -disse Alegrinha-. Não é certo, Senhora Jacarandá?

-Claro que é certo -disse a senhora Jacarandá. Eu faço o que posso mas até a primavera que vem não me sairá nem uma folha mais. Então, Alegrinha disse a dona Cigarra:

-Agora mesmo você irá comigo ao meu formigueiro, que lá está quentinho e você vai sentir-se muito bem.

-Você é tão amável, Alegrinha - disse dona Cigarra- mas não posso dizer que sim. Suas companheiras formigas talvez não me queiram e, se não pedir licença, a Rainha Formiga pode se zangar.

Que bem falou dona Cigarra! Quando Alegrinha voltou ao formigueiro muitas de suas companheiras não queriam dar-lhe razão. "Que dona Cigarra fique em sua casa", diziam. "Aqui temos muito trabalho e pouco lugar. Que sabe fazer dona Cigarra. Einh? Sabe cortar folhinhas, sabe recolher sementes, sabe varrer o chão, sabe pôr ovos de formiga? Não sabe. Então, que fique na Jacarandá".



Mas as formigas mais pequeninas puseram-se a chorar porque queriam conhecer a dona Cigarra para que aprendessem a cantar a “ronda lironda”. E as formigas mais velhas perguntaram como iam deixar a pobre senhora toda morta de frio no jacarandá. Depois de muito sim e muito não, decidiram convidar a dona Cigarra.

Nessa mesma tarde dona Cigarra despediu-se da Senhora Jacarandá e Alegrinha ajudou-a a fazer a mudança. A rainha preparou uma festa de boas vindas e mandou aumentar a entrada principal, que, ainda que fosse a principal, a dona Cigarra andava encolhida por todos os lados.

Em pouco tempo as formiguinhas ficaram encantadas com dona Cigarra porque era alegre e lembrava-lhes do verão. Quando dona Cigarra cantava elas trabalhavam melhor. Mas dona Cigarra também era serviçal, claro que sim: todas as noites cantava às formiguinhas pequeninas que não queriam dormir e não deixava de cantar até que as visse com os olhos bem fechados e adormecidas de verdade.

Os que passavam a essa hora pela vereda paravam muito surpreendidos em frente ao jardim e escutavam. “Que coisa mais esquisita!”, diziam. “Uma cigarra cantando no inverno!” E depois de ouvi-la, ainda que fizesse muito frio, sentiam um pouquinho de calor.

Quando chegou a primavera e a senhora Jacarandá se pôs enfeitada com folhinhas de cor e sininhos azuis, dona Cigarra despediu-se de Alegrinha, da Rainha Formiga e das formiguinhas grandes e pequeninas, que agora gostavam dela de verdade. Antes de ir convidou a todas para irem visitá-la e todas disseram que sim.

Nesse verão as pessoas paravam na vereda a olhar. Que olhavam? Uma fila longa de formigas que não terminavam nunca de passar.

Vocês sabem que eram Alegrinha e suas companheiras, que iam pedir licença a senhora Jacarandá.

Subiam ao primeiro andar, ao segundo andar e ao último andar onde dona Cigarra esperava-as com chocolate e massinhas de nozes.

*(Da coleção “Los cuentos de Chiribitil”,
Centro Editor de América Latina, Buenos Aires,
Argentina, 1977).*

Sugestões para o trabalho em aula

- O professor distribuirá as folhas para que seus alunos leiam as duas histórias. Poderá ler primeiro a fábula clássica de Samaniego e promover o diálogo sobre ela. Depois, apresentar "Alegrinha e dona Cigarra" e convidar aos estudantes a compará-las. Ou, se preferir, pode ler ambas histórias ao mesmo tempo.
- O importante é que os jovens analisem as atitudes e condutas dos personagens frente à mesma situação em um e outro relato, e julguem quais são mais construtivas e humanitárias - apesar dos atores serem animais!

Para facilitar a discussão, pode-se utilizar as seguintes perguntas para orientação, ou outras semelhantes:

- * Qual é a relação entre a cigarra e a formiga em cada relato? Que pensam e como sentem uma a respeito da outra?
- * Como reagem a formiga de Samaniego e a formiga Alegrinha frente às penúrias invernais da cigarra? Que valores guiam suas respectivas condutas?
- * Como teria sido sua reação se estivesse no lugar da formiga?
- * Como você se sentiria, em um e outro caso, se fosse a cigarra?
- * Entre as duas soluções, uma parece melhor do que a outra? Por quê?

Para pensar sobre as atitudes que refletem as palavras e sobre o compromisso que temos com os demais

A MIM... IMPORTA?

1. Ler e pensar individualmente

- O professor ou a professora distribuirá para que seus estudantes leiam o seguinte ensaio.

Pode deixá-lo como dever de uma ou outra lição, a fim de que realizem uma leitura cuidadosa e meditada.

Pode também pedir-lhes que resumam em seus cadernos as principais idéias do texto. Trarão suas anotações para discutí-las na aula.

A MIM O QUE IMPORTA ! (fragmento)¹

Carmen Naranjo (Costarriquenha)

Imaginemos que houve uma revolução ou um julgamento que afeta a um determinado homem. O pronunciamento fere sua própria estima. Frente a um acontecimento desta natureza, realiza-se na prática uma acusação. O homem sente-se sem saída, porque é obrigado a polemizar sobre aqueles aspectos muito gerais e pouco íntimos nos quais pode expor seus pensamentos e reservar-se dentro das palavras. É muito fácil falar, mas realmente difícil explicar atitudes pessoais, justificar os próprios atos, fazer compreensíveis as posições humanas. Em nossa época esse é um trabalho de técnicos, de psiquiatras ou psicólogos. A facilidade com que apresenta-se o axioma socrático de “conhece a ti mesmo”, é um labirinto complicado em cada ser individual. É muito lamentável que nos percamos a maioria das vezes, nas práticas da tentativa. Este homem acusado por um julgamento alheio a ele mesmo e que o reduz a um conceito, tem um caminho fácil de escape. Então responda:

“a mim o que importa”.

A oração é tão negativa como falsa na generalização de seu uso, pois quer dizer que

ao sujeito não importa, não afeta o pronunciamento ou o julgamento vertido sobre ele. A razão busca desprender o mal-estar, fazê-lo alheio, suprimi-lo de toda consideração e apreço. E quanto mais fira, mais incomode, mais doa, o homem afirma negativamente sua importância. Busca na falsidade da desvalorização, livrar-se das preocupações que tem, menosprezando-as. Pretende tornar-se insensível ante o golpe que lhe tem doído e continua doendo. Por diversos caminhos mentais, trata de recuperar sua força, mas exteriormente define-se com uma capa de indiferença.

A primeira coisa que denota esta expressão, é a de que na realidade é um grito nu de liberdade. O homem ao exclamá-la deseja sentir-se livre de todo julgamento, insensível a qualquer golpe, normalmente acomodado a sua circunstância. Algo o tem comovido, algo que quer esquecer, negar, separar do círculo de sua vida. É o sentimento de liberdade defensiva que todo o ser humano alega em determinado momento para si mesmo, com a gala nua de seu egoísmo. Não quer preocupar-se, não quer sensibilizar-se, não quer alterar-se.

¹ O fragmento seguinte pertence à obra *Cinco temas en busca de un pensador*, da autora citada.

Desejo limpo e nu de liberdade irresponsável, liberdade que nos momentos cruciais de nossa vida exigimos porque nos incomoda o comentário, a intromissão de nossos atos, ou porque nos queremos reservar no nível de nossa própria segurança, ignorando qualquer alteração. Essa liberdade irresponsável é o silêncio da sensibilidade, a ignorância dos demais, o reconhecimento genuíno de nossa esfera fechada. O fechar de portas ao que não seja próprio, exclusivamente pessoal, às vozes alheias, às demandas de outro, aos comentários que afetam

A expressão não cobre unicamente o pessoal e com ele abre-se outro campo para análise. “*A mim o que importa*”, refere-se a qualquer acontecimento que pretenda lembrar inquietações alheias aos interesses particulares. Resulta que os conceitos mais difundidos, de caráter cívico e social como parte da vida de cada indivíduo, com os que tem-se nascido e crescido, podem exigir um esforço, uma colaboração extraordinária, uma integração espontânea ou obrigada de um indivíduo. O “*a mim o que importa*” pode ser uma resposta que leva consigo uma traição, um esquecer-se das projeções humanas e do homem como parte da humanidade.

A liberdade irresponsável perante o gesto egoísta, converte-se em liberdade vazia porque a liberdade como um propósito individual, como um meio de salvaguardar o direito a viver isolado, como um grito inconsciente de fazer o que vir na cabeça, é uma liberdade sem conteúdo humano. Nada encontra-se nela, nem um gesto amigo, nem um sinal de ternura, nem uma prova de consideração humana, menos ainda o aviso de um sentimento profundo como o amor. Pode existir a salvação individual porque é um ato de enfrentamento do ser frente si mesmo ou frente a um ente superior, e a salvação individual não pode ser nunca a insensibilização, o esquecimento dos demais ou a inconsciência solidária, pois compreende uma rendição de contas sobre o grau de humanização.

Pode existir também a independência pessoal; e mais, deve existir se quisermos ser alguém e adquirir qualidade humana. Independizar-se é o fato indispensável para iniciar a valorização dos atos alheios e próprios, para

dar importância às coisas. O que consegue a liberdade a força de insensibilização, é um verdadeiro autômato, o moderno robô de nossa sociedade, o capitalista do “*a mim o que importa*”, como reação perante o acontecer humano divorciado do sujeito, a separação rotunda do eu perante o legítimo direito dos outros pronomes, sobretudo, a ignorância do nós. Não diz-se “*a nós o que importa*”, salvo o caso em que um interesse determinado de irresponsabilidade e de egoísmo tenham unido a um grupo.

O “*a mim o que importa*” ensina indiferença, insensibilidade, inconsciência, desumanização, irrealdade caprichosa, mentira, irresponsabilidade, consolo covarde, carência absoluta de valor e de independência. Ninguém consegue ser independente pela porta de escape, ninguém chega a independizar-se com os olhos e os ouvidos fechados. Ser independente exige luta, enfrentamento valente dos problemas, vitórias sobre o egoísmo e integração verdadeira com o reconhecimento humano. A indiferença é um perigoso caminho para a escravidão, é a dependência do a mim sim importa a pequenez, a concepção do ser como passageiro agarrado ao mesquinho, a glotonaria na repartição da ganância social. A irrealdade caprichosa demonstra-se no desejo falso de pretender unicamente o aceitável do ponto de vista da comodidade de cada um. É a rejeição do incômodo, seja revestido em forma de pergunta, de inquietação, de pensamento profundo, de preocupação social ou pessoal, de comunicação íntima ou de consciência e altura. O homem mente a si mesmo com a expressão de “*a mim o que importa*” e a mentira pode chegar a ser tão vital como a irresponsabilidade em que tem-se escondido. A irresponsabilidade em nossa época é uma das tantas drogas com quais ao negar nossa realidade, também negamos a nós mesmos. Apresenta-se como um epílogo o consolo covarde, a importância, que significa a carência absoluta do valor necessário para viver como ser humano capaz de ser na forte vibração da humanidade.

2. Pensar em grupo

- Em conjunto farão uma síntese. O que sustenta o ensaio? Como interpreta essa expressão que ouvimos tão amiúde? Assim o professor ou a professora poderá verificar se os jovens compreenderam plenamente o que foi lido, antes de emitir julgamentos pessoais. Se necessário, os ajudará a esclarecer as idéias centrais.

Destacará que, para a autora, a frase do título reflete indiferença e insensibilidade humana, um individualismo irresponsável que trata de ignorar os vínculos que nos unem uns aos outros. Essa indiferença pode manifestar-se em dois aspectos da vida: o pessoal, frente às opiniões dos demais sobre nós e das quais não gostamos, e social, frente aos acontecimento que não parecem afetar diretamente nossos interesses particulares. É um bom exemplo de atitude “solitária”, não solidária.

As perguntas de orientação para o diálogo podem ser:

- * Tinham pronunciado anteriormente essa frase, ou a tinham ouvido alguma vez? Em que circunstâncias?
- * Tinham parado para pensar em tudo o que a frase significa como atitude pessoal?
- * Coincidem, em tudo ou em parte, com a interpretação de Carmen Naranjo? Por quê?
- * Lembram outras frases de uso freqüente que refletem uma atitude semelhante? Depois do conversado, como as interpretam?
- * Nos ocorrem várias frases, de distintos países: “Não se intrometa”, “Eu não me meto nisso”, “Isso não é comigo”, “Não quero comprar problemas”, “Eu passo”, “Esse problema é seu”, “Melhor fingir-se de tonto”. Em outros lugares: “o desapercebido”, “o urso”, “Quem se mete a redentor termina crucificado”

3. Escrever

- Os jovens e as jovens escreverão seu próprio ensaio a respeito. Uma sugestão de tema pode ser o título geral desta atividade: “A mim... importa?”

Para criar consciência a respeito de tudo o que favorece ou ameaça a relação solidária entre as pessoas no mundo

UM OLHAR AO NOSSO MUNDO DE HOJE

O seguinte artigo resume alguns dados dos informes preparados pelo Centro de Direitos Humanos da ONU para a Conferência Mundial de Direitos Humanos, que celebrou-se em Viena, Áustria, em junho de 1993.

La Razón — La Paz, domingo 18 abril de 1993

Violação de direitos humanos afeta a mais da metade do mundo

GENEBRA-ONU

GENEBRA 17 de ABR(EFE).- As violações aos direitos humanos básicos deixaram de ser uma constante quase exclusiva dos países em desenvolvimento para converter-se num mal que afeta a mais da metade da população mundial.

Os dados que apresentará na próxima segunda-feira o Centro de Direitos Humanos da ONU em razão da quarta e última reunião preparatória da Conferência Mundial de Direitos Humanos, que se celebrará na capital austríaca de 14 a 25 de junho, são mais que eloquentes.

Aproximadamente 700 milhões de pessoas levam no mundo o "estigma do desempregado", ou trabalham em condições ínfimas devido ao desequilíbrio econômico, que caracteriza o mundo de hoje. A esta cifra deve-se acrescentar aproximadamente 38 milhões de desempregados a mais a cada ano.

Como caso especialmente "grave" o Centro de Direitos Humanos da ONU destacou os quase 200 milhões de crianças que estão sendo obrigadas a desempenhar trabalhos impróprios para sua idade, prática proibida pela lei internacional, e a qual uns 50 países estão se omitindo de cumprir.

Em parte pelo desequilíbrio econômico que experimentam as

nações industrializadas, em parte porque os países em desenvolvimento seguem sob condições mínimas. No mundo existem atualmente 1,4 milhões de pobres absolutos e 1 milhão de pessoas nos umbrais da pobreza.

Em consequência, sublinha o Centro de Direitos Humanos da ONU nos informes que apresentará na segunda-feira na reunião preparatória da Conferência Mundial de Viena, uns 780 milhões de pessoas, o que representa 20% da população dos países mais desfavorecidos, estão desnutridas.

"É incrível, mas 45 anos depois de adotada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o usufruto de umas poucas garantias sociais, políticas, civis, econômicas e culturais, segue sendo um privilégio no mundo de hoje", declarou o secretário geral da conferência Mundial, Ibrahim Fall.

Segundo o Centro de Direitos Humanos da ONU, como resultado da fome, da pobreza, guerras civis e outras formas de violência, no final do ano passado existiam no mundo 17 milhões de refugiados e 25 milhões de exilados.

Às portas do século XXI, quase trinta anos depois do homem conquistar a lua, ao redor de 1 milhão de adultos continuam sem

saber ler e escrever ou estão desprovidos de seus direitos culturais básicos.

"A Declaração Universal de Direitos Humanos continua sendo a grande *matéria pendente, pois apesar dos progressos que têm-se feito nesse terreno, o mundo no qual vivemos é cada dia mais difícil, perigoso e mortífero", afirmou Fall.

"Ninguém está isento de culpa porque as violações às liberdades fundamentais produzem-se, com mais ou menos evidência, em todas as sociedades", sublinhou (ressaltou) o secretário geral da Conferência Mundial, a segunda que se celebrará desde a adoção da Declaração Universal de Direitos Humanos em 1948 - a primeira foi em Teerã em 1968.

Por volta de 1,5 milhões de pessoas não têm acesso aos serviços de saúde adequados, uns 1,3 milhões à água potável, 2,3 milhões à saúde, provém daí o fato de uns quatorze milhões de crianças morram por ano no mundo antes de cumprir os cinco anos.

Do outro lado da moeda aparecem os surtos de racismo e xenofobia, a nova pobreza ou a discriminação aos doentes da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Ainda que seja uma simples síntese, o artigo apresenta um panorama bastante amplo da situação dos Direitos Humanos no nosso mundo atual. E este panorama não é alentador... Podem restar dúvidas de que, apesar dos enormes avanços econômicos, científicos e tecnológicos da humanidade, ainda temos muitos caminhos por percorrer até alcançar a meta humana básica da solidariedade entre as pessoas?

1. Ler, dialogar e investigar

- Sugerimos que o professor ou a professora leia o artigo com seus estudantes. Como reagem? O que pensam? Têm consciência desta crua realidade? Dominam informação suficiente para analisar e emitir opinião sobre alguns dos problemas mundiais citados? Podem localizar as áreas ou países do mundo onde apresentam-se os problemas citados?

É possível que a informação de que disponham os estudantes seja escassa ou incompleta. Por isso, talvez tenham poucos critérios para analisar ou avaliar os problemas a que faz referência o artigo. Se for assim, é um aspecto de sua formação muito importante de desenvolver!

- Depois do diálogo, o professor os convidará a fazer uma investigação “jornalística”. Mas no sentido de “investigar os jornais”. Trata-se de revisar jornais e revistas de opinião para buscar informação - em textos ou em imagens - sobre acontecimentos contemporâneos, em qualquer lugar do mundo, que mostrem, por um lado, relações solidárias entre as pessoas e, por outro, a ausência ou o desrespeito de relações de solidariedade.

Os estudantes recortarão e trarão para a aula todos os materiais que tenham encontrado e que pareçam-lhe significativos.

2- Criar

Atividade

6

- Durante a aula, em grupo, montarão dois cartazes, ou murais, contrastantes. Para desenvolver a capacidade de observação direta a respeito de tudo o que favorece ou ameaça a relação solidária entre as pessoas ao nosso redor

CONHECENDO A MINHA COMUNIDADE

Dar meia volta,
e ver o que acontece lá fora.
Nem todo mundo
tem primavera.
(De uma canção de Fito Páez)

1. Sair e ver “o que acontece lá fora”¹

- O professor ou a professora já discutiu com seus estudantes os direitos de solidariedade. Agora, os convidará para que saiam a fazer uma excursão por sua comunidade - seu povoado ou bairro da cidade em que vivem - e façam todo o tipo de observações sobre fatos ou imagens que mostrem apreço e respeito a todos esses direitos e também, possíveis violações dos mesmos.

Sugira aos estudantes que levem seu caderno para anotar ou desenhar. E, se lhes for possível, uma câmera fotográfica para registrar tudo aquilo que lhes chame a atenção.

Os jovens podem escolher entre fazer este trajeto a sós ou em pares. O essencial é que, individualmente ou acompanhados, “afinem as antenas” para apreciar as múltiplas formas da vida de relação social.

- Cumprida essa visita, o professor ou a professora organizará e colocará em comum os resultados obtidos. Os jovens compartilharão suas observações e também suas reações emotivas e suas reflexões sobre o observado. Como vive a gente da comunidade? Como trabalha, relaciona-se, aprende, expressa-se? Viram manifestações concretas de respeito aos direitos de solidariedade, ou de seu desconhecimento?

Neste momento, os estudantes dificilmente poderão dar respostas completas, precisas ou bem fundamentadas a perguntas tão complexas. Obterão, ao contrário, primeiras impressões de caráter geral. Mas trata-se de um primeiro passo à sua sensibilização, que permitirá motivá-los a fazer explorações posteriores mais profundas. Ficarão abertas muitas inquietações, que o professor ou a professora pode retomar nas atividades seguintes.

¹ Este momento da atividade segue uma proposta de Juan José Mosca e Luis Pérez Aguirre em *Derechos Humanos. Pautas para una educación liberadora*. Edições Trilce, Montevideo, Uruguai, 1985.

- A posição em comum terminará com a consideração sobre as distintas maneiras em que pode-se “ver” a realidade. A discussão pode guiar-se por perguntas como as seguintes:
 - * A excursão por sua comunidade, permitiu-lhes ver coisas que antes não tinham notado? Ou vê-las melhor, ou de outra perspectiva?
 - * Se for assim, que “coisas novas” viram, ou que coisas viram com “novos olhos”?
 - * Porque acham que isso aconteceu?
 - * Como costuma ser nossa maneira habitual de ver a realidade?

2. Sair e perguntar “o que acontece lá fora?”

- Como forma de aprofundar as primeiras impressões e recolher mais informação, os estudantes se dividirão em pequenas equipes e sairão fazendo entrevistas informais a distintas pessoas de sua comunidade. O tema de interesse continua sendo o exercício dos direitos de solidariedade em sua comunidade. Cumprem-se? Como? Existem problemas que criem obstáculos seu pleno cumprimento? Quais?
- O trabalho das equipes pode repartir-se de distintas maneiras, segundo critério do professor ou da professora, ou por acordo entre toda a turma. Uma das maneiras poderia ser cada equipe concentrar-se num direito de solidariedade concreto (ao trabalho, à educação, etc.) e o aprofunde entrevistando a quem ache conveniente. Outra maneira poderia ser cada equipe pesquisar sobre todos os direitos de solidariedade, mas concentrando-se em apenas um certo grupo de entrevistados - um em trabalhadores e trabalhadoras assalariados; outro em trabalhos independentes como pequenos comerciantes, agricultores ou profissionais; outro em grandes comerciantes e donos de empresas; outro em mulheres que trabalham em sua casa; outro em educadores, outro em dirigentes de associações comunitárias: de moradores, religiosas, culturais, etc. Neste segundo caso, em grupo cobrirão todos os setores representativos da comunidade.
- É aconselhável preparar de antemão um breve questionário para apresentar aos entrevistados. Ele pode ser feito por toda a classe junta, com ajuda do professor. Assim, repassarão os conceitos chaves do tema e classificarão os objetivos desta pequena “investigação de campo”. Se for possível as entrevistas serão gravadas, para que a equipe possa escutá-las de novo na classe. Se não, farão anotações.
- Cada equipe preparará um informe escrito com as conclusões de sua investigação.

- Reunidas em plenário, as equipes colocarão em comum suas conclusões. O professor orientará a discussão final com algumas perguntas de síntese:
 - * Houveram coincidências entre as conclusões das equipes? Quais?
 - * Houve discordâncias entre as conclusões das equipes? Quais? Como podem-se explicar?
 - * Aprenderam sobre sua comunidade algo mais do que sabiam antes? Que coisas?
 - * Por que foi possível esta aprendizagem?

Para promover a participação ativa e solidária dos jovens na vida de sua comunidade

MEU PROJETO DE SOLIDARIEDADE

- Retomando as inquietações que tenham surgido das atividades anteriores, o professor ou a professora instará a seus estudantes a porem em prática o princípio de solidariedade participando ativamente em alguma atividade comunitária. Os motivará para que organizem e levem a cabo algum projeto de grupo concreto, ou melhor, que se unam a algum projeto coletivo em andamento. Pode ser no mesmo colégio, no seu bairro, ou dentro de alguma associação à qual já pertençam ou desejam incorporar-se.

É possível que alguns estudantes já estejam participando como voluntários em alguma organização comunitária - religiosa, esportiva ou cultural. Se for assim, o professor convidará a estes jovens a compartilhar sua experiência com os outros. A que organização pertencem e que atividades comunitárias realizam? Quando iniciaram essa participação? O que os motivou a fazê-lo? Como sentem-se a respeito do que fazem? A experiência destes jovens pode ser um grande incentivo para os demais colegas.

Para promover uma maior reflexão sobre o que poderiam fazer e como, o professor ou professora pedirá que elaborem um pequeno plano por escrito.

Na continuação, apresentam-se algumas sugestões para elaborar esse plano

Nome do Projeto:
Os que vamos a participar:
Onde vamos a fazer o Projeto:

O que queremos conseguir:
Por que é útil - ou necessário, ou valioso- o que queremos conseguir:
As atividade que vamos fazer para conseguir nossos propósitos:
As atividade concretas que eu farei:
O tempo que pensamos que levará para completar o projeto:
O tempo que eu vou dedicar ao projeto - por dia ou por semana:
Que outras coisas, além do nosso trabalho, necessitamos para realizar este projeto:
A quem mais vamos pedir ajuda para realizar este Projeto:

Depois de completado o plano, cada estudante ou grupo de estudantes que trabalhará juntos, o discutirá em aula. E depois... o colocará na prática. Será seu projeto de solidariedade!

Para expressar e comunicar com imagens

PARA DESENHAR!



1. Analisar um cartaz

- O professor ou a professora dirigirá a atenção dos estudantes para o cartaz do Centro de Recursos Educativos que se inclui como material didático complementar desta pasta. Para este momento, talvez o cartaz já esteja colocado no quadro ou numa parede da sala. Se não tiver sido colocado em exibição antes, esta é uma ocasião propícia para colocá-lo.

Pedirá aos jovens sua opinião. Gostam? Por quê? Que reação emocional lhes desperta? Que lhes sugere?

- Depois de uma primeira aproximação informal a esta mensagem gráfica, os convidará a analisar mais detalhadamente os distintos elementos que o compõem: as imagens visuais, na sua forma, cor e distribuição; as palavras, incluindo o poema que reproduz, e também a disposição de imagens e palavras no conjunto.

Mediante perguntas, tratará de que os estudantes consigam uma apreciação o mais detida e rica possível. Por exemplo, notaram, que a fileira de bonequinhos é uma seqüência que repete o logotipo do Centro de Recursos Educativos? O que lhes sugere a repetição do logotipo, um ao lado do outro? E a disposição dos bonequinhos sobre uma linha curva?

Também, observaram que os bonequinhos rodeiam o planeta? E que deste se vê em particular uma região? Que lhes sugere este desenho gráfico?.

Quanto ao poema, como o interpretam? Tem relação com as imagens do cartaz? Por que leva este título?

Para finalizar, o professor ou a professora pedirá aos jovens que façam uma nova apreciação do conjunto, em sua totalidade. Que mensagem global lhes comunica? Que relação existe com o que vem sendo discutido na classe, neste e nos módulos anteriores?

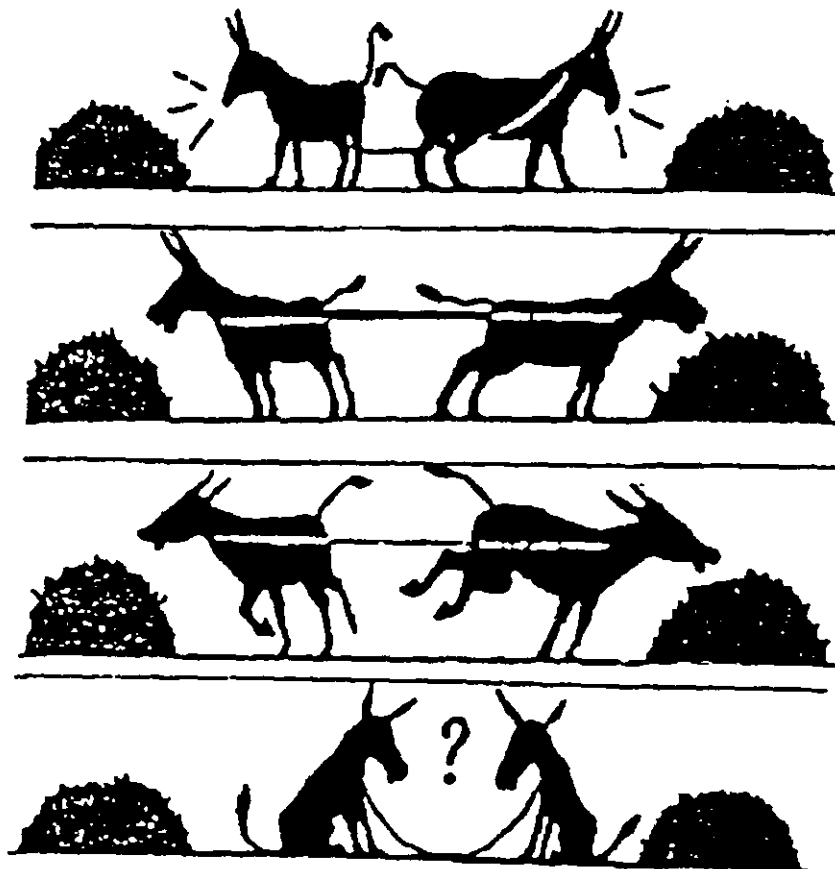
2. Desenhar um cartaz

- Os estudantes, individualmente ou em equipes, desenharão um cartaz para promover ou informar sobre seu próprio projeto de solidariedade (Atividade 7).

É importante que, antes de começar o trabalho criativo, pensem bem o que querem dizer através do cartaz - mensagem por comunicar -, por que ou para que querem dizer isso - propósito da comunicação -, e a quem em particular querem dizê-lo - destinatários específicos da mensagem. Quando tiverem determinado estas idéias, lhes será mais fácil construir um conjunto interessante e expressivo.

Para aprender a buscar soluções cooperativas aos problemas

HISTÓRIA DE BURROS¹



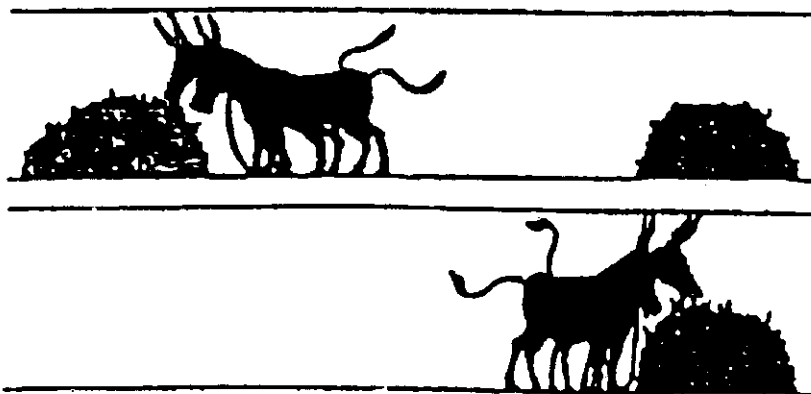
- O professor ou a professora entregará ou mostrará aos estudantes a historieta e lhes perguntará: O que acontece aqui? O que podem fazer os burros?
- Os estudantes trocarão idéias sobre como poderiam resolver a situação. Será sugerido que completem o desenho com a solução ou soluções que lhes ocorram.
- Depois que todos opinarem, o professor lhes apresentará os desenhos seguintes, que mostram duas alternativas de solução ao problema dos burros - ainda que não necessariamente as únicas possíveis - e os convidará a comentá-las.

¹ Desenvolvido a partir de uma proposta de Guillermo Brown na "La Resolución de Conflictos y el Trabajo Grupal." Projeto Paz Presente, Los Teques, Venezuela, Mimeo.

Alternativa 1:



Alternativa 2:



Perguntas para orientação:

- * Por qual meio resolveu-se o problema na alternativa 1?
- * Que conseqüências ou resultados têm esta forma de proceder?
- * Por qual meio resolveu-se o problema na alternativa 2?
- * Que conseqüências ou resultados têm esta outra forma de proceder?
- * Qual das duas alternativas parece melhor? Por quê?
- * Entre as alternativas de solução para a historietta que você e seus colegas propuseram no início desta atividade, que meios ou critérios predominaram: as soluções pela força ou pela cooperação?

Para analisar as conseqüências
do uso da força como solução aos estudantes

OS CUSTOS DA VIOLÊNCIA

Leitura de apoio

O CATACLISMA DE DAMOCLES

Gabriel García Márquez (Colombiano)

*Para a Universidade para a Paz, o dia em
que sucedeu este discurso.*

Um minuto depois da última explosão, mais da metade dos seres humanos terão morrido, o pó e a fumaça dos continentes em chamas derrotarão a luz solar, e as trevas absolutas voltarão a reinar no mundo: um inverno de chuvas alaranjadas e furacões gelados inverterá o tempo dos oceanos e mudará os cursos dos rios, cujos peixes terão morrido de sede nas águas ardentes, e cujos pássaros não encontrarão o céu. As neves perpétuas cobrirão o deserto do Saara, a vasta Amazônia desaparecerá da face do planeta destruída pelo granizo, e a era do rock e dos corações transplantados estará de regresso à sua infância glacial. Os poucos seres humanos que sobreviverem ao primeiro espanto, e os que tiveram o privilégio de um refúgio seguro às três da tarde da segunda-feira, aziago da catástrofe magna, só terão salvo a vida para morrer depois pelo horror de suas lembranças. A criação terá terminado. No caos final da umidade e das noites eternas, o único vestígio do que foi a vida serão as baratas.

Senhores presidentes, senhores primeiros ministros, amigas amigos:

Isto não é um mau plágio do delírio de João no seu exílio de Patmos, mas a visão antecipada de um desastre cósmico que pode suceder neste mesmo instante: a explosão - dirigida ou acidental - de somente uma parte mínima do arsenal nuclear que dorme com um olho e vela com o outro nas "santabárbaras" das grandes potências.

Pois é: hoje seis de agosto de 1986, existem no mundo mais de cinquenta mil ogivas nucleares emprazadas. Em termos caseiros, isto quer dizer que cada ser humano, sem excluir as crianças, está sentado num barril com umas quatro toneladas de dinamite, cuja explosão total pode eliminar doze vezes todo rastro de vida na Terra. A potência de aniquilação desta ameaça colossal, que pende sobre nossas cabeças como um cataclisma de Damocles, propõe a possibilidade teórica de inutilizar quatro planetas a mais do que os que giram ao redor do Sol, e de influenciar no equilíbrio do Sistema Solar. Nenhuma ciência, nenhuma arte, nenhuma indústria tem-se dobrado a si mesma tantas vezes como a indústria nuclear

desde sua origem - fazem quarenta e um anos -, nem nenhuma outra criação do engenho humano teve tanto poder de determinação sobre o destino do mundo.

O único consolo destas simplificações terrificantes - se de algo nos servem-, é comprovar que a preservação da vida humana na Terra segue sendo ainda mais barata que a peste nuclear. Pois somente com o fato de existir o tremendo apocalipse cativo nos silos de morte dos países mais ricos está malbaratando as possibilidades de uma vida melhor para todos.

Na assistência infantil, por exemplo, isto é uma verdade de aritmética primária. A UNICEF calculou em 1981 um programa para resolver os problemas essenciais dos quinhentos milhões de crianças mais pobres no mundo, incluindo suas mães. Compreendia a assistência sanitária básica, a educação elementar, a melhoria das condições higiênicas, do abastecimento de água potável e da alimentação. Tudo isto parecia um sonho impossível de cem bilhões milhões de dólares. Porém, esse é apenas o custo de cem bombardeiros estratégicos B-1B, e de menos de sete mil foguetes Cruzeiro, em cuja produção investirá o governo dos Estados Unidos vinte e um bilhões e duzentos milhões de dólares.

Na saúde, por exemplo, com o custo de dez porta aviões nucleares Nimitz, dos quinze que fabricarão os Estados Unidos antes do ano 2000, poderia realizar-se um programa preventivo que protegeria, nesses 14 anos, a mais de um bilhão de pessoas contra o malária, e evitaria a morte - somente na África- de mais de quatorze milhões de crianças.

Na alimentação, por exemplo, no ano passado existiriam no mundo, segundo cálculos da FAO, uns quinhentos e setenta e cinco milhões de pessoas com fome. Sua média calórica indispensável teria custado menos de cento e quarenta e nove foguetes MX, dos duzentos e vinte e três que serão emprazados na Europa Ocidental. Com vinte e sete deles poderia-se comprar os equipamentos agrícolas necessários para que os países pobres adquiram suficiência alimentar nos próximos quatro anos. Esse programa, além disso, não custaria nem a nona parte do orçamento militar soviético em 1982.

Na educação, por exemplo: com somente dois submarinos atômicos Tridente, dos vinte e cinco que planeja fabricar o governo atual dos Estados Unidos, ou com uma quantia semelhante dos submarinos Typhoon que está construindo a União Soviética, poderia-se tentar por fim à fantasia da alfabetização mundial. Por outro lado, a construção das escolas e a qualificação dos professores que farão falta ao Terceiro Mundo para atender demandas adicionais da educação nos dez anos porvir, poderiam pagar-se com o custo de duzentos e quarenta e cinco foguetes Tridente II, e ainda sobrariam quatrocentos e dezenove foguetes para o mesmo incremento da educação nos quinze anos seguintes.

Pode dizer-se, por último, que o cancelamento da dívida externa de todo o Terceiro Mundo, e sua recuperação econômica durante dez anos, custaria pouco mais da sexta parte dos gastos militares do mundo nesse mesmo tempo. Contudo, frente a este desperdício econômico descomunal é, todavia, mais inquietante e doloroso o desperdício humano: a indústria da guerra mantém em cativo ao maior contingente de sábios jamais reunidos por empresa alguma na história da humanidade. Gente nossa, cujo lugar imparcial não é lá,

mas aqui, nesta mesma mesa, e cuja liberação é indispensável para que nos ajudem a criar, no âmbito da educação e da justiça, a única alternativa que pode salvar-nos da barbaridade: uma cultura da paz.

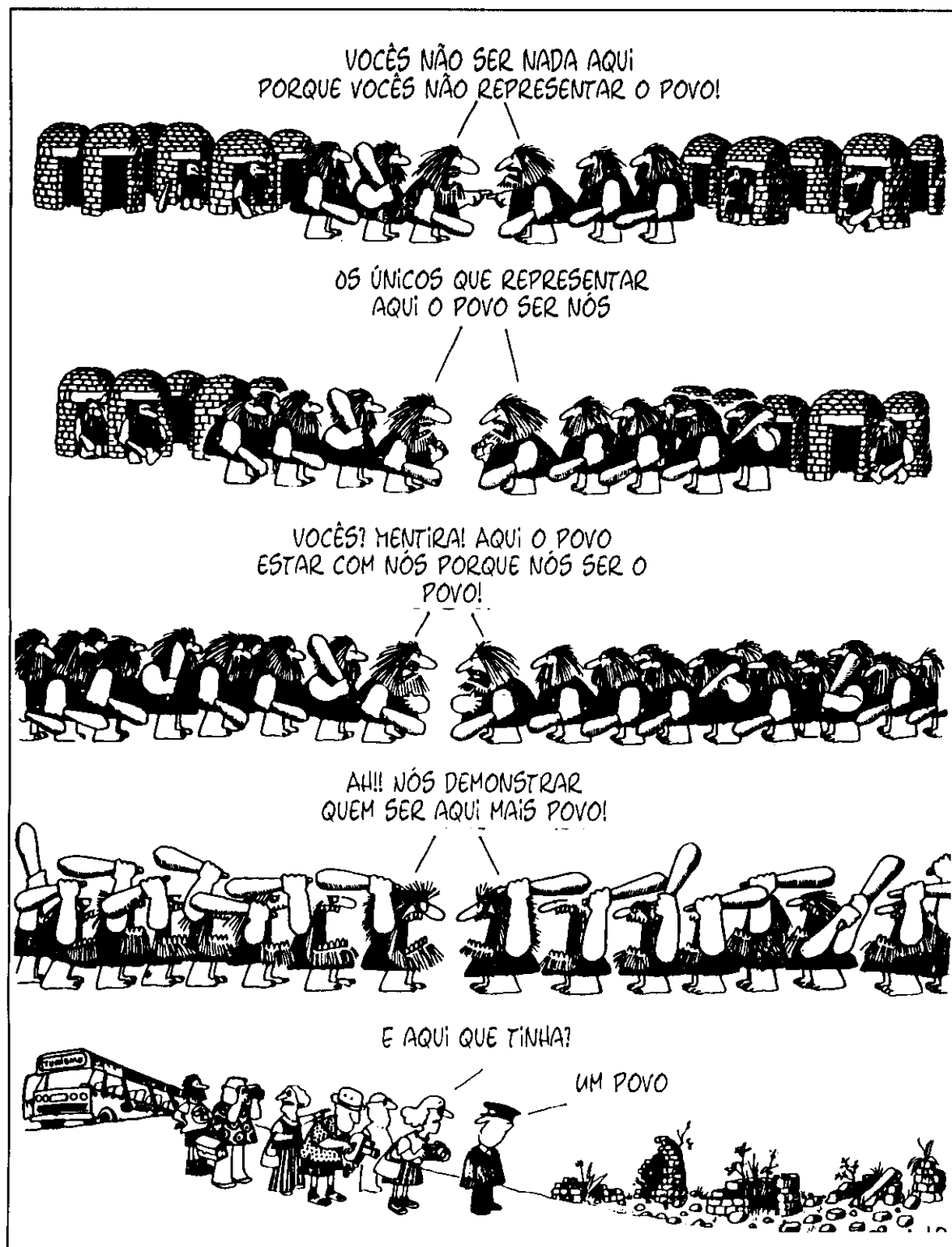
Apesar destas certezas dramáticas, a carreira das armas não concede um instante de trégua. Agora, enquanto almoçamos, construiu-se uma nova ogiva nuclear. Amanhã, quando acordarmos, haverá mais nove nos abrigos da morte do hemisfério dos ricos. Com o custo de uma só, seria possível -ainda que fosse somente por um domingo de outono- perfumar de sândalo as cataratas do Niágara.

Um grande romancista de nosso tempo perguntou-se alguma vez se a Terra será o inferno de outros planetas. Talvez seja muito menos: uma aldeia sem memória, deixada pelas mãos dos deuses no último subúrbio da grande pátria universal. Mas a suspeita crescente de que é o único lugar do Sistema Solar onde se deu a prodigiosa aventura da vida, nos arrasta sem piedade a uma conclusão constrangedora: a carreira das armas vai em sentido contrário à inteligência.

E não só da inteligência humana, mas da inteligência da natureza, cuja finalidade escapa inclusive à clarividência da poesia. Desde a aparição da vida visível na Terra transcorreram trezentos e oitenta milhões de anos para que uma borboleta aprendesse a voar, outros oitenta milhões de anos para fabricar uma rosa sem outro compromisso que o de ser formosa, e quatro eras geológicas para que os seres humanos, diferentemente do bisavô pitecantropo, fossem capazes de cantar melhor que os pássaros e de morrer de amor. Não é nada honroso para o talento humano, na idade de ouro da ciência, ter concebido o modo em que um processo multimilenar, tão dispendioso e colossal, possa regressar ao nada de onde veio, por arte de oprimir-se um simples botão.

Para tratar de impedir que isso ocorra estamos aqui, somando nossas vozes às inumeráveis que clamam por um mundo sem armas e uma paz com justiça. Mas ainda se ocorrer -e mais ainda se ocorrer-, não será de todo inútil que estejamos aqui. Dentro de milhões de milhões de milênios depois da explosão, uma salamandra triunfal que haverá voltado a percorrer a escala completa das espécies, será talvez coroada como a mulher mais formosa da nova criação. De nós depende, homens e mulheres de ciência, homens e mulheres da inteligência e paz, de todos nós depende que os convidados a essa coroação quimérica não vão a sua festa com nossos mesmos temores de hoje. Com toda a modéstia, mas também com toda a determinação do espírito, proponho que façamos agora o compromisso de conceber e fabricar uma arca da memória, capaz de sobreviver ao dilúvio atômico. Uma garrafa de naufragos siderais lançada aos oceanos do tempo, para que a nova humanidade de então, saiba por nós mesmos o que não têm de contar-lhes as baratas: que aqui existiu a vida, que nela prevaleceu o sofrimento e predominou a injustiça, mas que também conhecemos o amor e até fomos capazes de imaginar a felicidade. E que saiba e faça saber para todos os tempos quem foram os culpados de nosso desastre, e quão surdos fizeram-se aos nossos clamores de paz para que esta fosse a melhor das vidas possíveis, e com que invenções tão bárbaras e por quais interesses tão mesquinhos a apagaram do Universo.

Extraído de: García Márquez, Gabriel. El cataclismo de Damocles/The doom of Damocles, São José: Editorial Universidade para a Paz; Editorial Universitária Centro-americana, 1986.



Lidos os textos, será proposto aos jovens duas perguntas para o diálogo:

- * Quais são algumas das conseqüências da escolha de solucionar os conflitos por meio da força, para os indivíduos e para a sociedade? Dêem exemplos concretos da vida quotidiana de pessoas ou de países.
- * Vale a pena pagar esses custos?

Para praticar a resolução solidária de conflitos cotidianos

E ISTO... COMO O RESOLVEMOS?

1. Pensar e escrever individualmente

- O professor ou a professora convidará aos estudantes a pensar em algum problema que se apresente ou possa apresentar-se aos jovens na vida diária - na casa, escola, bairro ou trabalho. Por exemplo, no relacionamento com os irmãos, irmãs, com os pais, com os vizinhos, com os colegas de colégio, com os professores...
- cada um escreverá numa folha de papel uma breve descrição do problema em que tenha pensado. O fará de maneira muito concreta, apresentando-o como um caso real, e indicando quais são as pessoas em conflito e as causas do problema. Não é preciso escrever seu nome na folha, basta que explique bem o caso.

Alguns exemplos possíveis:

Duas irmãs que compartilham o mesmo quarto passam brigando, porque uma sempre usa a roupa da outra.

Maria tem uma festa no sábado e tem muita vontade de ir, mas não sabe o que pode fazer porque seus pais nunca lhe permitem estar fora de casa depois das 9 da noite.

O professor de Matemática tirou da sala Jorge e Ana porque estavam falando durante a prova final. Eles têm medo de serem reprovados.

- Todas as folhas com os "casos-problema" serão recolhidas e se misturarão numa caixa, ou envelope sobre uma mesa.

2. Improvisar

- A classe se dividirá em equipes de cinco ou seis membros.
- Cada equipe pegará ao acaso uma folha com um caso-problema. Disporá de uns dez minutos para discuti-lo e organizar uma pequena dramatização que mostre como resolveria esse problema. Têm total liberdade para decidir quem e como são as personagens e como se comportam. Entretanto, devem cuidar de ajustar-se ao caso tal como foi proposto.

Se a equipe o desejar, pode eleger um de seus membros como observador para que registre tudo o que acontece durante o período de organização do grupo e, depois, durante a dramatização.

- Reunida novamente toda a classe, cada equipe realizará sua improvisação.

3. Dialogar

- Em grupo comentarão as distintas situações dramatizadas. O professor ou a professora pode orientar o diálogo com algumas perguntas.

Perguntas para orientação:

- * São realistas os casos-problemas que se propuseram? Ocorrem ou podem ocorrer na vida real?
- * São apropriadas as formas de resolvê-los apresentadas pelas distintas equipes? Por quê?
- * Como se comportaram as personagens de cada dramatização? Sua conduta ajudou ou não a encontrar uma solução para o problema? Por quê?
- * Existem outras formas de resolver casos como esses na vida real? Quais? São melhores ou piores que a forma de solução apresentadas pelas equipes? Por quê?

Para praticar a resolução solidária de conflitos mais amplos

VIDA TRABALHISTA¹

1. Pesquisar e dramatizar

- O professor ou a professora descreverá para sua classe um ambiente de trabalho - uma fábrica, uma casa de comércio, uma fazenda, elegendo, preferencialmente, um ambiente próximo à experiência vital de seus alunos-, em que os trabalhadores decidiram fazer um certo número de solicitações aos proprietários ou administradores.

Por exemplo, os trabalhadores querem ter mais influência na administração da empresa. Querem, além disso, melhores salários, maiores prestações por enfermidades ou acidente, mais atenção na questão da segurança do trabalho; a possibilidade de estabelecer um programa de aperfeiçoamento, e períodos de descanso mais compridos.

- A classe se dividirá em dois grupos. Um grupo será o dos trabalhadores e outro o dos proprietários ou administradores. Entre ambos se levarão a cabo negociações. Para isto, cada grupo analisará a situação do seu ponto de vista e logo selecionará delegados para entrar em conversações de negociação.

É importante que ambos os grupos estejam bem informados sobre seus respectivos direitos e deveres trabalhistas para entrar na negociação. O professor ou professora pode indicar-lhes consultar a legislação trabalhista nacional e os convênios da organização Internacional do Trabalho (OIT).

- Os delegados dos dois grupos se reunirão e cada um apresentará sua posição, por escrito ou oralmente. Discutirão seus problemas, tratando de chegar a acordos aceitáveis para ambas as partes.
- O exercício se repetirá, invertendo os papéis dos grupos.

¹ *Exercício proposto pelo Centro de Direitos Humanos da Nações Unidas em ABC: La Enseñanza de los Derechos Humanos, Nova York, 1989.*